

**[Transcript] TSF - Minoria Absoluta - Podcast / Habitação rima com solução (mas quando?), com Maria Escaja e Bianca Castro**

O acesso à habitação continua a ser uma pedra no sapato dos jovens, de acordo com o Banco de Portugal, hoje é mais difícil conseguir casa do que em 2008, quando começou a última grande crise financeira, os jovens e não só têm ido para a rua, mas as soluções tardam em chegar.

É o tema central do Minúrio Absoluta, com a ativista pelo clima Bianca Castro e a nossa bloquista festivaleira, Maria Escaja, e começa exatamente pela Maria Escaja, na semana passada houve mais uma manifestação, o movimento Casa para Viver foi dizendo que o governo não ouviu os jovens na manifestação de abril, passado uma semana depois desta nova manifestação e também depois de vários políticos e governantes já terem falado sobre o assunto, achas que há agora uma reação diferente da parte do governo?

Não, acho que falar sobre o assunto é muito fácil e toda a gente fala, e o próprio governo já falou mais algumas vezes, inclusive acho que houve pessoas do PS que estiveram na manifestação de um de abril, aliás, se bem me lembro, a própria ministra incentivou, não foi, a própria ministra da habitação incentivou.

E já vai falar sobre a manifestação do fim de semana passado também.

Pronto, falar é fácil e é muito giro, o que eu não vejo são soluções para o problema da habitação e acho que o governo continua a não querer regular o mercado e isso são opções políticas, e são escolhas políticas, não são acados, são escolhas, e são escolhas que o governo está a fazer e que o Partido Socialista está a fazer, o mais habitação e o foco no mais habitação e o governo usar o mais habitação como o cavaleiro salvador da crise da habitação, já toda a gente sabe, já se discutam muito tempo e já toda a gente sabe que não será assim, que não é aquele pacote de medidas, aquele powerpoint que já nos foi apresentado e que já vimos várias vezes e que já entrou em vigor, aliás. Que vai entrar em vigor e que o próprio Marcelo Rebelo de Souza disse que não era suficiente e se até a direita tradicional acha que não é suficiente, não percebe como é que o governo pode achar que está ali a solução para todos os problemas.

A primeira coisa que eu achei muito curiosa esta semana foi o António Costa ter vindo dizer que o estatuto dos residentes não-abituais cumpriu seu propósito e que provavelmente chegará ao fim de 2024, mas há duas semanas o Bloco de Esquerda e o PCP apresentaram projetos para o fim dos residentes não-abituais que foram chumbados precisamente pelo Partido Socialista.

António Costa foi resgatar essas propostas da esquerda.

Mas andamos sempre, já não é a primeira vez que isto acontece, o Ministro diz uma coisa, depois no Parlamento faz outra e depois vem o Primeiro Ministro e diz o Índaro outra.

Os vistos-goldo também.

Foi um caso idêntico também.

E outra questão que eu tenho em relação a isto é se vai demorar tanto tempo entre o suposto anúncio do Primeiro Ministro e o fim da medida como demorou com os vistos-goldos e que o que acontece é há uma corrida muito grande a esses regimes, até porque com o fim do estatuto, com o fim dos residentes não-abituais, quem já tem esse benefício mantém-lo.

Portanto, eu pergunto se António Costa está a dizer isto agora em outubro, que dia hoje

6, portanto já estávamos em outubro.

E se...

Dia 6, o dia em que estamos a gravar.

Em que estamos a gravar.

Exato, quando as pessoas ouvirem será dia 7 ou 8.

Exato.

E se vamos ter esta medida em prática no fim de 2024 e entretanto tivemos centenas e centenas dos milhares de estrangeiros que correram a esse regime, que vão ter esse benefício fiscal e que vão continuar a fomentar a especulação imobiliária nas nossas cidades.

E eu acho que esta manifestação, esta manifestação teve mais pessoas do que o de Abril, que já tinha tido muita gente, mas o que eu acho que as pessoas estão cada vez mais desesperadas, mais descontentos e com menos soluções à vista.

Bianca, também estivesse nesta manifestação.

A Ministra da Habitação, Marina Gonçalves, entretanto já veio assumir empatia com quem se manifestou.

Sentes esse conforto da parte do governo?

Não há conforto nenhum, e aliás acho até um bocadinho condescendente, não é, não fazem nada, mas depois dizem que se reveem na luta ou algo do género, mas nós não precisamos disso, nós não precisamos dessas palavras quase um bocadinho de caridade ou assim, quase que um passou bem de, ok, fiques, continuem, mas depois não fazem nada e sabem perfeitamente que nós precisamos é que eles façam, e lá está, e não é com promessas vazias que se resolvem crises, e acho também curioso que apenas uns dias depois dessa manifestação

o stop despejos, que é um coletivo pela habitação, teve de impedir um despejo de uma família vulnerável que não tinha qualquer outra alternativa e com a solidariedade das pessoas que se juntaram conseguiram adiar esse despejo, mas a resistência tem de continuar e portanto uns dias, não sei se foi dois, três dias logo após a manifestação, isto continua a acontecer para antes nossos olhos e é preciso parar estes despejos, é preciso parar estes desalojamentos de famílias que não têm outra alternativa nem para onde irem, é preciso como a Maria estava a dizer regular as rendas, é preciso aumentar realmente os salários e precisamos de parar com estes pensos rápidos, não é?

E deixamos dizer uma coisa sobre esse despejo, foi na terça-feira, foi parado naquele dia, mas a polícia continua a ter uma ordem para despejar aquela família, são três pessoas e mais cheia da mais tarde a fazer, conseguiu separar naquele dia, porque houve uma data de gente que se juntou a stop despejos e mais algumas pessoas estiveram alguns camaradas meus presentes, mas mais cheia da mais tarde isto vai acontecer, e como esta família há muitas outras.

Exatamente, e numa situação em que nós, já em 2020, tínhamos mais de 700 mil casas vazias e não fazemos nada com elas, não é?

E temos, e já nesta altura, portanto, em 2020, tínhamos 14% de casas vazias, sem ocupação, sem locatários, sem função e ao mesmo tempo já tínhamos mais de 30 mil famílias desalojadas ou precisavam de apoio para ter acesso à habitação e isto continua a acontecer, estamos a ver dia após dia, quer ser as famílias que ficam desalojadas, pessoas que têm trabalho e têm

de viver em tendas, estudantes que não conseguem realmente continuar a estudar, porque não tem acesso à habitação, pessoas que têm de voltar para casa dos pais, pessoas que não conseguem sair.

Pessoas que vivem em caravanas.

Exatamente.

Também tive a ver uma notícia de que cada vez mais famílias chegam às tendas, cada vez há mais famílias a viver nesta situação, e portanto, como é que estas palavras, que nem são palavras bonitas na verdade, mas como é que estas palavras, este pequeno conforto falso, não é?

Vai realmente fazer alguma coisa?

Tal como a Maria Escaja estava a dizer, concordas que desde abril até agora há cada vez uma mobilização maior em relação a esta crise na habitação, ou seja, as ruas de Lisboa, Lisboa, não foi só Lisboa que recebeu uma manifestação, mas as ruas de Lisboa no passado fim de semana encheram-se ainda mais do que em abril.

Sim, e lá está, e faço das palavras, das minhas palavras, acho que realmente as pessoas não têm outra opção, e acho que há muita gente que, se calhar, nem se via como uma pessoa que iria há manifestações, etc., e realmente estão a ir e estão a perceber que não há outra opção e que realmente temos de nos unir.

E lembro-me que acho que a manifestação foi lindíssima e super poderosa, e quando chegamos ao Rousseau, o Rousseau já estava cheio e a pessoa que estava no palco estava a dizer, é incrível já estarmos em encher isto, porque a manifestação ainda vai no Martímenis.

Não é?

É só ir ver se a quantidade de pessoas que realmente saíram às ruas para se manifestarem e a força que houve em todos os cânticos que aconteceram naquela tarde.

Como já dissemos, a maioria absoluta do Partido Socialista confirmou o diploma mais habitação, mesmo depois do veto do presidente da República e, apesar dos vários protestos, Maria Escaja, isto quer dizer que o governo não houve sociedade civil.

Desde logo o presidente da República, mas também os jovens e todos os outros.

Não, mas acho que o governo não houve, e não só o governo, acho que o Partido Socialista não houve a sociedade civil desde, pelo menos desde o janeiro de 2022, desde o início da maioria absoluta.

Já disse isto aqui algumas vezes, mas acho que é das coisas mais nocivas que aconteceu à nossa democracia nos últimos tempos festa maioria absoluta, porque, porque o PS não deve nada a ninguém e faz o que quiser e, portanto, não tem, efetivamente, que nos ouvir.

E nós vamos para a rua e gritamos alto e fazemos nos ouvir, mas efetivamente tem que haver vontade política e tem que haver vontade política do Partido Socialista porque se não houver de uma forma pacífica e democrática não haverá alterações e isso é muito preocupante.

Os partidos à esquerda já disseram que o voto no próximo orçamento do Estado, que está prestes a ser entregue na Assembleia da República, o voto depende muito daquilo que o governo apresenta para a habitação.

Mas continua a ser indiferente.

Podem todos votar quando o acorregimento passa na mesma e esse aqui é o grande problema.

E o Partido Socialista continua a aplicar medidas bastante centristas e algumas mais à direita e, portanto, irá continuar a governar até porque o governo só cai quando o Marcelo Rebelo Souza quiser.

E o Marcelo nunca vai querer enquanto não achar que o PSD está preparado, portanto nós estamos reféns numa maioria absoluta, muito na altura patrocinada por um falso medo que se gerou na comunicação social e na opinião pública de uma maioria direita que nunca esteve sequer para acontecer.

Portanto, houve muito voto.

O Rui Riu deixou a porta aberta caso o PSD vencesse as eleições.

É certo que esteve longe de o conseguir.

A questão é que esteve longe muito mais longe do que alguém algum dia pensou, eles próprios e provavelmente o próprio Partido Socialista.

E portanto vamos continuar de mãos e pés atados enquanto estiverem, enquanto fomos governados para esta maioria que não nos quer ouvir.

O Partido Socialista também tem dito várias vezes que não há nenhuma bala de prata para resolver a crise na habitação e que esta crise é transversal a vários países, percebes certas palavras, são palavras de há pouco tempo, tendo em conta que...

Eu percebo que eles estão atentos a fazer, não é?

Agora Portugal é mesmo a crise habitacional que se vive em Portugal e é verdade que não se vive apenas aqui, ou infelizmente é transversal em imensos países neste momento, mas não deixa de ser gravíssimo.

E na verdade não deixamos de ser um dos países que está pior se formos comparar não o preço médio da renda com o salário miserável que ganhamos.

Até houve uma estatística que se seguiram há pouco tempo, que Portugal agora, Lisboa, está mais cárcama, esterdão, se fizemos esse tipo de comparações.

E também é uma das cidades europeias cujos valores das rendas aumentaram mais.

Aliás, entre o primeiro trimestre de 2023 e o mesmo período de 2020, o aumento das rendas foi quase 23%.

E eu acho que é uma loucura tentar apaziguar isto, não é?

E tentar que isto não pareça uma coisa assim tão grave como esta, aos olhos de qualquer pessoa.

E na verdade é engraçado que ainda hoje estava a ler um artigo que a Guada, que também está no Minoriá absoluta, escreveu, em que ela diz valer a palavra de António Costa tanto quanto um metro quadrado em Lisboa.

E eu acho que isto é um resumo incrível do que está a acontecer e de todas estas falsas promessas e depois a diferença para a realidade que estamos a ver.

E aliás, obviamente, esta desigualdade social no que toca ao acesso à habitação e ao acesso a tantas outras coisas que já sabemos, não é?

São mais uma vez consequências da lei da maximização do lucro e de todo o sistema em que vivemos.

Portanto, a crise da habitação precisa de respostas urgentes, mas também políticas

estruturais e sistêmicas.

Neste momento, Lisboa tem mais alugamentos locais por habitante do que cidades como Paris, como Londres, como Roma.

E no entanto, temos o Moedas a jurar que ainda não estamos em excesso de turismo.

E acho que isto também fala um bocadinho por si.

E ao mesmo tempo, sabemos que cerca de 20% da população vive abaixo do limiar da pobreza.

E estas pessoas são pessoas que trabalham, não é?

Portanto, é bastante nítido que neste momento há realmente alguma coisa que está errada.

Estamos também a ver cada vez mais pessoas a fazer cada vez mais dinheiro.

Portanto, esta desigualdade está cada vez maior também mesmo, não é?

Quando falamos da situação nacional.

E ainda não há medidas que resolvam isto.

Há pensos rápidos.

Já que falaste de Carlos Moedas, deixe-me referir que Carlos Moedas foi um dos alvos da manifestação do passado fim de semana.

E fez a sua própria cama, pró-ser, não é?

Continua a fazê-la.

Mas Maria Escaja, António Costa já disse, ao contrário daquilo que pede o Bloco de Esquerda, que no próximo ano não vai haver um travão ao aumento dos rendas.

Como o ovo no ano passado, vai haver um mecanismo sim, mas um mecanismo que está a ser trabalhado

com inquilinos e proprietários.

Claro.

A solução...

Correis-se super bem.

Tens-se de desabsoluta.

Lá está.

Portanto, esta solução deixa-te apreensiva.

O que eu acho incrível, primeiro, é que o Partido Socialista não tinha a cara quando se autodomímia socialista.

Não percebe.

Eu, se fosse do Partido Socialista, não conseguia dormir à noite, porque primeiro ia achar que o nome do meu partido era ofensivo em relação à minha política.

É um partido socialista, mas toda a gente sabe que António Costa é social-democrata.

O PS tem essas duas verdades.

Eu conheço social-democratas mais humanistas e mais preocupados com a crise à habitação do que António Costa.

Há vários países, em várias cidades europeias, a tomar medidas e cidades que não são minimamente suspeitas de serem de esquerda a tomar medidas muito mais radicais do que o que António Costa está a fazer.

Só um exemplo.

Nova Iorque, o pináculo do liberalismo, onde eu já vivi, está a limitar o Airbnb.

Eu acho um pensamento um bocadinho provinciano.

Nós achamos que está toda a gente a fazer isto porque há uma crise à habitação mundial e toda a gente está a sofrer, mas nós vamos fazer equestres pequenas medidas, umas mesinhas e pode ser que isto resulte.

Claro que não vai resultar, mas como é que António Costa?

António Costa quer sempre estar bem com Deus e com o diabo e enquanto assim continuar nunca vai ter coragem para tomar uma medida séria, que é uma coisa que falta muito a António Costa é coragem política.

Pode ser muito bom outras coisas e acho fantástica, não de uma bonita forma, mas acho fantástica a forma como António Costa se consegue manter de pé com todas as polémicas e todo o lixo dos seus próprios governos, mas acho muito pouco corajoso.

E sem um travão às rendas, a Bianca, os números apontam que uma renda de 500 euros em 2023 passe para 534 em 2024, em 2024, é exato, portanto são números...

É absolutamente assustador, eu acho que também nós temos um bocadinho uma visão de que às vezes é preciso com tudo, mas aqui eu acho que quando vem alguma coisa de fora já acreditamos, quando as pessoas que moram cá dizem alguma coisa ainda não acreditamos e nem isto está a acontecer com a crise habitacional porque já a Ministra Internacional disse que isto é uma ameaça aos direitos humanos em Portugal.

Portanto já temos organizações mundiais analisarem o que se passa aqui a acharem que é gravíssimo e mesmo assim continuamos a ver isto, por acaso havia um cartaz na manifestação que foi o que me ficou mais na cabeça, que alguém escreveu um cartaz que dizia as portas que Abril abriu a ser estranguladas pelos senhorios e é um bocadinho isso que estamos a viver.

E no 5 de outubro, Marcelo Rebelo de Souza teve algumas palavras para os jovens, dedicadas aos jovens, não entendo, nunca falou em habitação.

Pedro Felipe Soares, depois do discurso Marcelo Rebelo de Souza, tocou até neste ponto. É um ponto negativo que Marcelo Rebelo de Souza, embora falando dos jovens, não fala que ela que é a maior crise para eles.

Marcelo Rebelo de Souza está sempre a tentar somar mais pontos negativos, não é?

Estos últimos meses têm sido fantásticos, ao nível da falta de tato no geral, acho feio, honestamente acho feio acima de tudo, acho feio que estando tantos jovens na rua, tantos jovens sem casa, tantos jovens sem conseguir ser de casa dos pais, tantos jovens a terem que dividir, a terem que dividir apartamentos até muito tarde na vida e a não conseguirem constituir família, e a não conseguirem viver a sua vida de forma independente, acho feio que Marcelo Rebelo de Souza escolha, porque lá está outra vez, é uma escolha, não falar sobre o assunto.

Carlos Moedas, o resto também não o fez, mas Carlos Moedas demite-se de qualquer resposta à crise abertucional, porque para Carlos Moedas está tudo bem, mas amostraram solidariedade com aqueles que foram para a rua.

Eu fico tão contente que ele tenha mostrado solidariedade, é assim, no fim deste mês, quando chegar à altura de pagar a minha renda, eu vou ligar o meu senhor e vou perguntar se ele se importa que eu pague em solidariedade.

Ou com a empatia de Marina Gonçalves também.

Sim, vou tentar, vou ver o que depois, a próxima vez que aviar, quando tu fizés o que é que

é que eu me rebaneu.

Mas já que falamos em Marina Gonçalves, Bianca, se estivessos no lugar da Ministra da Habitação, o que é que farias para fecharmos este tema?

Eu obviamente começava por acabar com estes despejos, não só alguns ilegais, mas alguns de famílias vulneráveis que não têm qualquer outra opção para viver punham um teto máximo nas rendas, obviamente, portanto regulávamos a partir do primeiro momento as rendas e depois temos de acabar com, não é o grande bicho que está aqui e que as pessoas não falam, é precariedade no país e a questão também dos salários a serem tão baixos e que mesmo ao aumento que estão a prometer não vai valer assim tanto, portanto, e são algumas das coisas urgentes.

E tu, Mariascaja, se estivessos no lugar de Marina Gonçalves o que é que farias?

La falar com o meu chefe e dizia-lhe que estava na hora de tomar medidas sérias e não de continuar a brincar às preocupações.

Acho que está na hora de ouvir as pessoas e acho que quem se propõe a governar um país deve ter sempre a capacidade de ouvir os problemas e os grandes problemas que quem vive nele enfrenta e acho que é isso que falta, eu acho que a António Costa é muito arrogante e é aqui que se vê, uma das questões em que se vê muito bem a arrogância dele. Passamos então para o segundo tema deste debate porque a semana também ficou marcada por novos protestos dos ativistas pelo clima, é praticamente ao ritmo de um por dia parar o trânsito na segunda circular, bem perto aqui do estúdio onde estamos a gravar este programa, também a tirar um tinta contra a sede da REN de Anga Castro, novamente tenho de começar por ti, não temos que a certa altura os portugueses começam a desvalorizar este tipo de protestos, como se fosse por exemplo, são apenas aqueles jovens a fazer umas coisas.

Eu acho que em parte isso vai sempre acontecer mas acho que também é impossível agradar a toda a gente com esta forma de manifestação, porque é uma forma de manifestação arriscada não é verdade, mas por acaso uma das perguntas que fizeram em relação a estes protestos, acho que foi em relação ao da segunda circular, não tem a cereta mas foi em relação a um dos, pronto tem que se bloqueou o trânsito, era se não tínhamos medo de estarmos a instalar a desordem pública, e a pessoa que estava nessa entrevista disse, mas a desordem, nós não estamos a instalar a desordem nenhuma, a desordem pública está instalada, nós estamos a visualizá-la, nós estamos a mostrar a desordem que já existe aqui, porque a desordem na verdade é o que já existe quando não há serviços mínimos para nada e quando não há a ação climática da que precisamos e portanto acho que são protestos que obviamente dão de falar e aliás é o que temos visto, estamos a abrir todos os jornais, não se fala de outra coisa neste momento e acho que é isso que é o necessário e há vídeos também em que há reações muito violentas por parte de condutores que param e obviamente estão frustrados, querem ir trabalhar, querem ir fazer a sua vida, reação bento, há um vídeo nesse aspecto, sim, um vídeo super agressivo também, mas que é engraçado porque nesse vídeo pronto é um condutor que sai de uma carrinha e agarra duas activistas pelo cabelo e aquilo de uma forma horrível, mas vem outro, outro senhor que estava também só no passeio e vem ajudar e na verdade nesse protesto houve várias pessoas que eram das que estavam sendo impedidas de passar mas que saíram dos carros para ajudar e para ajudar a acalmar

as outras pessoas que estavam a ser mais violentas etc, portanto vê-se muitas reações contra obviamente e de frustração e reações assim violentas de forma que nunca devia escalar porque os próprios activistas nunca vão escalar para esse nível também, mas também se vê muitas reações de pessoas que pelo contrário se querem juntar e querem saber mais e muitas pessoas que se calhar não se empatizam com a forma de protesto mas percebem por que está a acontecer e ainda hoje mais cedo houve um bloqueio também de trânsito na Avenida de Roma em que aconteceu exatamente isso, em que aliás uma pessoa que estava no passeio viu aquilo acontecer, havia várias reações negativas e pessoas a gritar etc e este rapaz estava a tentar acalmar as pessoas e a tentar explicar-lhe o que que se passava e por que que estava a acontecer etc e depois chegou um momento em que ele simplesmente foi para o meio dos activistas e sentou-se com eles a bloquear e fica lá o resto do tempo e depois mostra também a solidariedade por parte do português comum.

Sim, exatamente e não foi a única pessoa que se empatizou, havia pessoas que bateram palmas na rua, houve uma senhora que perguntou o que estava a passar e quando alguém explicou ela, já sei, já sei, ainda muito bem, muito bem, portanto há um bocadinho de tudo também, mas pessoalmente nem estava a espera que houvesse tanta solidariedade após uns dias, claro que há ver um choque porque é uma coisa nova, não é, não são as manifestações a que estamos habituados, que infelizmente já percebemos que não resultam, mas acho que realmente está a causar muito impacto e muito deles está a ser positivo.

Mas não temos que a certa altura se torne quase habitual a ver este tipo de iniciativas, ou seja, nós no jornalismo dizemos deixar de ser notícia.

Sim, sim, claro e eventualmente se calhar é o que vai acontecer e o que é engraçado porque começou por ser um dos motivos pelos quais isto está a acontecer, não é, porque os ativistas que estão a fazer isto já fizeram tudo o resto, já fizeram manifestações, mobilizações, pronto, concentrações, já tiveram negociações com pessoas, já tiveram petições, etc, portanto todas as táticas já foram esgotadas e por isso é que isto está a acontecer.

A tática vai ser esgotada, não é infinita, mas acho que depois vamos ter é de encontrar outra coisa.

Maria Escaja, é ajuda de um partido que tem como base os ativistas, percebes esse tipo de protestos?

Eu percebo e percebo especialmente quando não há outra forma de se fazerem ouvir e de pôr este assunto na ordem do dia e aqui há uma grande diferença entre a habitação e o clima, habitação atinge muita gente e atinge muita gente no imediato, o clima é uma ideia, é estar no futuro, as consequências da crise climática ainda não são, na verdade até já são, já se sentem, mas não se sentem tanto, estamos em outubro e estão com o clima.

Estamos em outubro e ontem às 11 da noite estava na rua de Calções e Ticharte, mas ainda não se sentem de uma forma que seja suficiente ao contrário da habitação e a verdade é que se estes assuntos fossem potes na ordem do dia e se o governo mostrasse vontade de fazer alterações e transições verdadeiras e um investimento sério na ferrovia e acabar com a exploração de lítio e uma data de coisas, de uma data de reivindicações que não são absurdas, vamos só ver que Portugal tem vários capitais de distrito que não

têm em Combois, eu sempre quero ir para algum sítio de Combois e vez me aflita porque não tenho como.

No outro dia tive que ir para Viseu e não poder ir para Comboi e eu não percebo como é que num país tão pequeno como o nosso, a ferrovia foi, eu sei, quase é que foi nas escolhas, sei quem é que as tomou politicamente, mas na próxima com o PRR para executar, que foi vendido como a grande solução para tudo, de repente todos os problemas do país não acabaram com o dinheiro do PRR, a verdade é que o governo nem toma decisões nem fomenta discussões sobre estes assuntos e ao manter-nos sempre fora do debate público e do debate político é lógico que as gerações mais novas que são quem está mais afastado e quem vai ser mais impactada por estas alterações climáticas e pelo eventual desastre, é normal que tenham que procurar outras formas de chamar a atenção e é normal que elas sejam incomodativas para muitas pessoas.

Mas já que falaste novamente na habitação, também na manifestação do fim de semana passada, houve jovens que partiram a uma montra de uma imobiliária, consideras que este tipo de ações são aceitáveis?

Considero desnecessário, considero desnecessário por uma razão, é importante em qualquer luta sensibilizar mais pessoas para a causa e agregar mais pessoas e acho que ações como essa, o que acabam por fazer sem ter grande impacto, ou seja, não muda nada na prática, não provoca nenhuma mudança estrutural, acaba por alienar várias pessoas e por dar argumentos a quem já estava à procura de argumentos para ser contra esta manifestação encontra-os aí e nessa forma eu acho desnecessário, não acho que traga nada, não acho que acrescente.

Bianca, em relação aos protestos pelo clima, pergunte-se na tua opinião estes jovens têm escolhido bem os alvos, isto porque a Ren, por exemplo, é uma empresa que tem apostado de alguma forma em energias renováveis, hidrogénio verde, energia eólica e por aí fora, já te estás a rir portanto.

Já desculpa, mas não, é porque acho que realmente eu sou da opinião de que empresas como a Ren, Galps, EDPs afins não têm espaço numa mesa de negociação sobre transição energética, porque são empresas que estão ativamente a impedir que ela aconteça e não só a impedir que ela aconteça, mas a lucrar com o facto de não estar a acontecer.

Mas não vão ser importantes também para essa transição?

Não porque elas não querem fazer parte e quando estas empresas, por exemplo a Ren, mas quando falam de energias renováveis e se calhar até investem, mas isso é mais uma expansão energética do que uma transição energética, porque a Ren não deixa de ter um papel no terminal de gás liquefeito em CINES, por exemplo, que foi também um dos sítios onde as quais houve mobilizações há pouco tempo e um dos sítios que neste momento também está a travar ação climática neste país e empresas como a Ren são no fundo, são quase que armas que continuam a não é fazer com que esta crise climática avance cada vez mais e por isso acho que não, que não tem lugar nisto e lá está e podemos também ligar ao protesto que falámos na semana passada, no outro episódio, mas em relação ao ministro e o protesto da tinta na conferência que foi organizada pela EDP em que lá está, para mim é um pouco mesmo, estas empresas realmente não é do

interesse delas fazerem a transição, é muito bonito em palavras e etc e aliás, acho muito engraçado também que são estas empresas que no site provavelmente também conseguimos encontrar aquelas coisas para ver a nossa pegada de carbono, acho também muito engraçado porque são as empresas que mais emitem, aliás, sem empresas mundialmente causam cerca de 70% das emissões globais, portanto logo aí podemos ver e portanto acho que sim, acho que é bem direcionado, acho que são alguns dos alvos que realmente temos de te desdar nomes, acho que realmente é em relação a estas empresas e em relação ao governo que temos de falar e abordar e fazer estes protestos, até porque isto não são os ativistas que inventam, é a ciência que diz, globalmente temos de cortar 50% das emissões até 2030, mas como cada país não contribui da mesma forma, isto para Portugal significa pelo menos 75% de corte de emissões até 2030, ora isto não está previsto em qualquer tipo de plano que nós temos e aliás o governo continua a elogiar o seu próprio plano de neutralidade carbónica da 2045, que é manifestamente insuficiente E o Portugal tem falhado as metas todas, não é? Sim, e eu acho que não só tem falhado as metas, mas globalmente, mesmo que os governos estivessem a cumprir com as metas que se propõem a fazer,

estamos rumo a um aumento de 3,2 graus Celsius, quando nós sabemos que temos de limitar a 1,5 E aliás, em relação, estávamos a falar agora do facto de ser outubro e tarta de calor e saiu ainda hoje um artigo no The Guardian em que até os cientistas estão assustados porque setembro foi o mês mais quente deste que há recorde, seguido de agosto que tinha sido também e juro que tinha sido

Portanto, estamos aqui numa maratona de recordes desde que há registos e em setembro tivemos uma média de 1,5 graus Celsius mais quentes do que os níveis pré-industriais, o que é absolutamente

assustador, não é? E nós já sabemos que o caos climático já está praticamente instalado e já está instalado em vários sítios do mundo num aquecimento de quase 1,2 graus Celsius e agora vemos que em

setembro na verdade a média foi 1,8, eu acho que super assustador e não sei como é, mas lá está, como a Maria disse, é uma coisa que nós não ainda, a maior parte das pessoas ainda não sentem na pele

neste preciso momento, parece sempre que podemos adiar, adiar e eu acho que também é por isso que é

preciso e acho que é uma coisa que tem de ser melhorada a todos os aspectos, não acho que a nível de ativismo, se calhar seja suficientemente claro ainda, mas relacionar esta crise com todas as outras porque a crise climática também não está, por exemplo, distanciada da crise habitacional ou de

uma crise fenómica, é transversal a tudo e se não se resolver esta crise também não conseguimos adiar às outras, tal como há soluções para uma que também pode ser soluções para as outras, né? E portanto é preciso falar destas coisas desta forma e não esquecer que são crises interseccionais.

Recuando um pouco, Maria Escaja, consideras aceitável que dois jovens atirem tinta a um ministro ou é um

caso um pouco excessivo? É uma forma na qual eu não me revejo, não me revejo por algumas razões, primeiro porque não me é confortável a personalização num agente de uma coisa tão grande como a

luta

climática e os alvos de luta climática. A personalização numa única pessoa faz-me alguma confusão. No outro lado, tal como falamos agora das montras, o efeito é o mesmo, cria antagonismos e não torna

mais difícil a sensibilização e a educação das pessoas para a causa. E o problema da causa climática é que quando se sentir a necessidade imediata já vai ser tarde demais, aí já está tudo perdido.

E agora que se tem que fazer as alterações, não é quando tivermos lisboa debaixo d'água, Portugal sem árvores

e não tivermos água para beber e de centímetro e de repente pôs-me um graço de folha e tão 50 graus.

Ups, aí era mesmo, o final era verdade, espera. Vamos agora fazer aqui a transição, não, agora já não fazemos

ter de ser nenhuma, agora fazemos transição para a vida depois da morte, se houver.

Mas faço também uma pergunta que fiz há pouco à Bianca. Não temos que haja a certa altura uma desvalorização

desse tipo de protestos.

Francisco, o tema como tema em tudo, não é? O problema da velocidade da sociedade onde vivemos é que

está sempre toda a gente está procurando a próxima notícia. E não são só vocês jornalistas.

Jornalistas é as redes sociais, é as tendências, é quem decide o que é que vai ser consumido no próximo mês,

vestido no próximo mês e calçado no próximo mês, está toda a gente sempre à procura da próxima coisa.

E isto torna-se, às tantas, deixará-te ser notícia. E quando isso acontecer,

ou os protestos escalam em dimensão, ou então, de facto, efectivamente, qualquer dia vem para o braço de folha de tão 50 graus.

Bianca, todos querem esta resposta que protestos é que estão preparados para os próximos dias.

Boa sorte, Francisco.

Só um cheirinho, sim.

Eu não te podia dizer em óptimo, não posso dizer agora também.

Não, acho que posso dizer...

Isto que não sabes, não fazes ideia.

Não, também, não preciso dizer...

Bianca, nem é antes disso.

Eu não faço tal.

Eu não faço tal.

Existe a climática, explica o que quiser.

Não, mas o que eu te posso dizer é que, de facto, não vão parar.

Acho que vais ter muita coisa para cobrir.

Tu e muitos jornalistas em Portugal.

E que realmente o movimento de protesta climática nunca foi embora, mas está de volta em forças neste momento e sem perspectiva de seremбора.

**[Transcript] TSF - Minoria Absoluta - Podcast / Habitação rima com solução (mas quando?), com Maria Escaja e Bianca Castro**

Portanto, continuem atentos.

Esse é o Conselho da Bianca.

No final de mais um episódio do Minúria Absoluta,

desta vez com a Bianca Castro e com a Maria Escaja,

todos os episódios estão disponíveis entre SF.pt e também nas plataformas habituais de podcast.

Este programa teve o apoio técnico do Alexandre Lima.